



Práticas Educomunicativas: Estudo do Programa Globo Ecologia¹

Franciele Zarpelon Corrêa²
Joel Felipe Guindani³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

Resumo

O presente artigo, vale-se em seu desenrolar pelos princípios e possibilidades que a educomunicação disponibiliza para a reflexão. Nessa perspectiva, busca-se revelar através das práticas educomunicativas, algumas alternativas que possam contribuir para a formação de sujeitos críticos mediante o conteúdo e o uso de tecnologias midiáticas. Nesse contexto, configura-se também a necessidade de um novo profissional, que esteja atento as mudanças advindas da presença das mídias na educação e, por conseguinte, da viabilidade de estar mediando a reflexão acerca da produção de materiais audiovisuais com fins educativos. Por meio de uma análise empírica descritiva sobre uma edição do programa Globo Ecologia, procura-se identificar se o mesmo se enquadra nas representações da educomunicação, especificamente nas questões educativas sócio-ambientais.

Palavras-chave: Televisão; Educomunicação; Práticas educomunicativas; Educação ambiental.

A Função Social dos Meios de Comunicação: Aspectos Preliminares Sobre a Televisão

É de fundamental importância perceber o singular papel que os meios de comunicação podem exercer no mundo contemporâneo, tendo em vista a presença das tecnologias de informação, sobretudo a televisão.

Para McLuhan (1987 apud FERRÉS 1994, p. 10), a verdadeira mensagem de um meio são as mudanças por ele produzidas no contexto em que ele está inserido. Segundo o pensador canadense, as sociedades têm sido sempre mais modeladas pelo tipo de meios com os quais os seus cidadãos se comunicam que pelo conteúdo da comunicação. Os meios modificam o ambiente e, a partir desse momento, suscitam novas percepções sensoriais.⁴

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho, na divisão temática de Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduada em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba/SC. zcfranci@yahoo.com.br

³ Graduado em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, Bolsista Capes, Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – PPGCC/Unisinos, São Leopoldo/RS. j.educom@gmail.com

⁴ Nessa reflexão, entenda-se percepções sensoriais, como um processo de aquisição, interpretação, seleção e organização da informação visual e auditiva, advinda dos meios de comunicação.

Existem diferentes versões, pontos de vistas, referentes à televisão como meio de comunicação de massa. Alguns autores, de tradição dita “apocalíptica” vêem a mesma como fator alienante da sociedade, já outros, mais “integrados” a encaram como um potencial instrumento de emancipação e democratização.

Sendo assim, ao se deparar com a televisão e sua forma de construção da informação, percebe-se que a mesma constitui-se como um fator que está diretamente ligado a aspectos políticos, econômicos e ideológicos. Sodré (1984, p. 21) expõe através de uma de suas reflexões a cerca deste tema a seguinte constatação:

Os meios de informação (os media) constituem em seu conjunto um aparelho que realiza ideologicamente o poder de Estado. Essa realização é sempre contraditória, uma vez que no interior do aparelho podem chocar-se forças políticas conservadoras e transformadoras ou correntes ideológicas retrógradas e inovadoras _ ou ainda haver uma diferença entre o nível próprio de atuação do médium e uma determinada conjuntura estatal. Em qualquer dos casos, porém, o aparelho informativo se articula ideologicamente com a classe que controla o Estado e se investe de sua estrutura [...] A ideologia, como a televisão, é também essencialmente forma (de um poder).

Apesar do grande potencial enquanto meio de comunicação, é válido fazer essa reflexão, pois através dela consegue-se visualizar que na realidade da vida social somos moldados por um determinado sistema. A televisão por sua vez, não deixa de ter o seu sistema de produção, que acaba por assumir a forma real de um poder com as características que nele estão inseridas.

Em outra concepção referente à funcionalidade da televisão, entende-se que desde seu início, a mesma já tinha duas principais maneiras de ser concebida, ou seja, era vista como um meio de divertimento ou como um excelente meio para educar o povo. Os intelectuais por sua vez, temiam o desaparecimento da cultura nobre e por assim ser, “A cultura de massa, popular, representava aos olhos deles uma espécie de subcultura, capaz de alienar o povo e desviar os indivíduos dos verdadeiros problemas.” (LAZAR, 1999, p. 93).

No entanto, Gimeno Sacristán e Fernández Pérez (1980 apud SÁNCHEZ, 1999, p. 64) delinearão ainda três funções dos meios de comunicação, direcionadas ao ensino como:

1. Um recurso para aprimorar e manter a motivação do aprendiz;
2. Uma função informativa de conteúdos;
3. Funcionar como guias metodológicos de informação.



Vale destacar que, além das questões relacionadas ao ensino e da necessidade de divulgar informações que sejam de utilidade pública, os meios de comunicação tem um papel social maior a empreender. Partindo-se do princípio da disponibilização dos meios a sociedade, que possui então voz ativa, num cenário onde também democratiza-se a comunicação.

Educomunicação: Princípios e Possibilidades

Tendo em vista dois campos sociais de relevância, sendo eles o da Educação e Comunicação, faz-se importante uma breve abordagem dos mesmos. Assim, o estudo pretende fundamentar-se nas raízes que constituem um novo campo, o da Educomunicação.

De uma forma geral e histórica, a educação pode ser caracterizada como sendo um fenômeno não neutro, porque desenvolve-se por meio da ideologia, estando envolvida e relacionada à uma dimensão política. Esse aspecto pode ser melhor compreendido através da seguinte experiência relatada por Freire (1978, p. 09):

O movimento de educação foi uma das várias formas de mobilização adotadas no Brasil. Desde a crescente participação popular através do voto, geralmente manipulada pelos líderes populistas, até o movimento de Cultura Popular, organizado pela União Nacional dos Estudantes, registram-se vários mecanismos políticos, sociais ou culturais de mobilização e conscientização das massas.

Evidencia-se assim, uma relação de proximidade entre educação e o processo político de conscientização. Visto que, através dessa mesma consciência adquirida, há por consequência a materialização de idéias e ideais, diante da busca por um posicionamento de lutas, fundamental a condição de liberdade.

No entanto, em referência a concepção da comunicação, a mesma sempre foi o meio em que as idéias, valores, regras e pensamentos foram repassados na construção de uma identidade cultural. Mas, essas questões que em épocas anteriores eram mais restritas a um determinado espaço, agora ganham maior visibilidade com os novos meios de comunicação de massa. “As invenções tecnológicas provocam mudanças culturais, as quais, por sua vez, geram mudança na estrutura social.” (FERRÉS, 1996, p. 08).

Percebe-se, que ao longo de sua reflexão, Paulo Freire realiza um trabalho de aproximação entre ambos os campos, conceituando dessa forma, a Educação como sendo a própria Comunicação: “A educação é comunicação e diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1981, p. 59).



Nesse processo dialógico entre Educação e Comunicação, os indivíduos envolvidos também estariam constituídos em tal lógica, pois não existe ‘sujeito passivo’, mas sim, sujeitos que buscam juntos uma significação, ou seja, a transferência do saber é substituída pela troca de conhecimentos.

Por esta via, é mais do que necessário manter um olhar crítico mediante os conteúdos midiáticos, especificamente sobre o porquê e como os mesmos são desenvolvidos nos dias de hoje. Tais conteúdos devem constituir-se de fatores que os tornem uma alternativa diferenciada de refletir sobre o mundo e a realidade em que vivemos. Se por um lado a comunicação pode ser alienante, ou seja, trazendo desejos de consumo supérfluos e interferindo de forma negativa no comportamento das pessoas, por outro, ela torna-se um instrumento real e dinâmico que pode contribuir para o desenvolvimento social, através das práticas educomunicativas.

O neologismo Educomunicação não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, sendo esse “a ação”. De acordo com Donizete Soares [200-], professor de filosofia, diretor do GENS – Serviços Educacionais, “Educação e/ou Comunicação – assim como a Educomunicação – são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que tem na ação o seu elemento inaugural”.

Como analisam alguns pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação – NCE, da ECA/USP, o campo de inter-relação comunicação/educação se materializa em algumas áreas de intervenção social, sendo essas: a área da educação para a comunicação, a área da gestão da comunicação no espaço educativo e a área da mediação tecnológica na educação.⁵

Nessa perspectiva, a área da Educação para a Comunicação é constituída pelas reflexões em torno do processo produtivo, recepção das mensagens e relação entre os produtores. No campo pedagógico, desenvolvem-se programas que visam à formação de receptores autônomos e críticos frente ao conteúdo midiático. Existem distintas vertentes nessa área, compreendendo desde posturas defensivas, de cunho moralista, até projetos que se caracterizam por implementar procedimentos voltados para a apropriação dos meios e das linguagens da comunicação por parte das crianças e jovens. Na área da educação para a comunicação, Moran (1993, p. 40) defende que:

A finalidade principal da educação para uma leitura crítica da comunicação é mudar a atitude básica das pessoas diante da comunicação, e especificamente diante dos grandes meios: ajudar a desenvolver em cada um a percepção mais ativa, atenta, de acompanhamento consciente do que significa viver em comunhão com o mundo e conseguir formas de comunicação mais fortes,

⁵ Site: <http://www.usp.br/nce/>



autênticas, expressivas significativas, ricas que superem o reducionismo empobrecedor das formas convencionais de relacionamento.

Entretanto, esse novo campo destaca-se também pela presença das tecnologias de informação em ambientes educativos, fornecendo assim auxílio maior aos processos e técnicas de aprendizagem. Dessa forma, ampliam-se as formas de comunicação, onde novas mídias são inseridas, proporcionando uma maior interação e diversificação de fontes. É um campo onde todos devem estar envolvidos na construção do conhecimento, que pode também ser adquirido através da análise e reflexão dos meios e informações contidas nele. Segundo Moran (1993, p. 186), “Os meios podem ser utilizados também como conteúdo de ensino, como informação, como forma de passar conteúdos organizados, claros e seqüenciados, principalmente o vídeo instrucional, educativo [...]”.

A área da mediação tecnológica na educação, compreende o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. Trata-se de uma área que vem ganhando grande exposição devido a rápida evolução das descobertas tecnológicas e de sua aplicação ao ensino, tanto o presencial quanto o a distância. Nasce assim, um campo constituído por políticas de comunicação educativa, tendo por finalidade o planejamento, a criação e o desenvolvimento de ecossistemas educativos mediados por processos de comunicação e pelo uso das tecnologias da informação.

Os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldade de serem absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. De acordo com Saviani (1997, p. 76 apud CITELLI, 2000, p. 19):

A disseminação dos meios de comunicação de massa é um dado que a escola não pode ignorar, porque eles têm um peso importante nas vidas das crianças e à escola cumpre levar em conta esse dado e procurar responder a essas necessidades de diferentes maneiras, seja em termos de incorporar alguns desses instrumentos no seu próprio processo de trabalho.

No entanto, outra perspectiva educomunicativa pode ser a produção de multimídias ou ainda, de programas que modifiquem a apresentação de seu conteúdo, buscando assim fugir dos padrões estabelecidos pelo mercado, com o intuito de levar ao receptor uma informação diferenciada, baseada na intencionalidade educativa. Alguns canais de TV produzem programas que se enquadram na categoria educativa, voltando-se a essa linha mais reflexiva e instigadora de conhecimentos, como é o caso do programa Globo Ecologia tido aqui como instrumento de análise.



A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação a distância e nos centros culturais. (SOARES, 2000, p. 23).

Conforme pesquisa desenvolvida pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, entre 1997-1998 e de acordo com um Fórum promovido pelo Ministério da Educação em 1999, já existe a emergência de um novo profissional para essa área. De acordo com os resultados da pesquisa, o educador deve ser esse profissional, que demonstre capacidade para elaborar e coordenar projetos voltados a inter-relação comunicação e educação.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, foi aprovada a Licenciatura em Educomunicação na Escola de Comunicações da USP. A mesma destina-se a formar profissionais capazes de atender as demandas da comunicação e educação, tanto no ensino formal (docência e assessoria no ensino formal) quanto nos organismos da sociedade voltados para a análise e o uso da mídia com finalidades educativas (assessoria e coordenação de programas em ONGs, meios de comunicação, centros de tecnologia, entre outros). Partindo dessa perspectiva, Moran (1993, p. 41) entende que a eficácia da comunicação depende de alguns fatores, entre eles:

O nível de organização da comunidade, da percepção abrangente do conceito de cultura e comunicação, da perspectiva teórica e metodológica na análise da comunicação, da competência do coordenador desse processo e da integração dessa análise com outros processos de análise da realidade dentro de um projeto maior de organização de uma nova comunidade, onde se expressem relações também fraternais de comunicação.

No campo constituinte das reflexões acerca dos princípios e possibilidades da educomunicação, encontra-se um dos questionamentos do educador e comunicador Paulo Freire (1978, p. 05), onde: “A experiência educacional com as massas não deveria ser considerada como uma sugestão para o estudo de novas linhas para uma autêntica política popular?”

Falar em meios de comunicação como intermediários nesse processo de formalização de política popular requer, sobretudo, que seus adeptos estejam preparados para a participação livre e crítica. Eis o grande desafio!



As Práticas Educomunicativas

Sistematizaremos nesse momento, algumas metodologias acerca do uso dos meios eletrônicos de comunicação, TV, vídeo e cinema, como instrumentos da educomunicação.

Dessa forma, como prática educomunicativa na TV, destaca-se o projeto realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, Educom.TV. Onde, segundo a instituição que coordena o trabalho, na liderança de Ismar de Oliveira Soares, o mesmo teve por objetivo a formação de professores que fizessem uso das linguagens audiovisuais em sala de aula, tendo por modalidade a Educação a Distância, mediada por um ambiente virtual de aprendizagem, que favoreceu o desenvolvimento de capacidades cognitivas e incentivou trocas de experiências.

Neste contexto, através da teoria e da prática, ou seja, de reflexão e abordagem empírica, o curso pretende analisar como o sistema educacional pode relacionar-se com o sistema dos meios de comunicação. Esse curso possibilita a capacitação dos envolvidos, tendo por objetivo orientar os mesmos para o desenvolvimento de uma leitura adequada das mensagens midiáticas, resgatando também o que há de científico nos meios. Sánchez (1999, p. 77), ainda estabeleceria que: “Não é a tecnologia, por si mesma, que pode facilitar as mudanças comunicativas. As tecnologias necessitam de outro tipo de elementos ou ações que as complementem e lhes dêem sentido.”

Pode-se constatar, como já mencionado no presente artigo, a necessidade de um profissional que viabilize métodos a serem aplicados e que oriente os sujeitos envolvidos frente à informação midiática recebida. Tal orientação deve ter o conteúdo midiático como intermédio nesse processo de uso das tecnologias da comunicação, como, neste caso, a TV. Sendo assim, o Educomunicador poderá assessorar demais professores em diversas áreas, possibilitando um maior enriquecimento dos conteúdos didáticos, dinamizando, por essa via, a forma de trabalhá-los em sala de aula.

Em virtude da utilização de vídeos no ensino, um trabalho que merece atenção é o Projeto: “Cala boca já morreu - porque nós também temos o que dizer!” O mesmo, originou-se como uma atividade sem fins lucrativos, pelo GENS⁶ – Serviços educacionais, esse que tem por lema “a constituição de sujeitos autônomos”. É um projeto de educação pelos meios de comunicação, sob direção de Donizete Soares e coordenação de Grácia Lopes Lima. A partir de 2004, o projeto constitui-se também em uma ONG.

⁶ A origem da palavra GENS tem associação com o significado que lhe dá a biologia: o que transmite as características hereditárias. Tem a ver também com a história de Grécia e Roma, berço cultural do ocidente: Genos e Gens eram os primeiros núcleos familiares que deram origem às cidades. Para os integrantes do projeto, GENS é, sobretudo, uma das palavras que servem para denominar o que todos nós somos: gente.



A metodologia de trabalho no projeto é um dos fatores que mais se identifica com os propósitos educacionais, devido à forma como os integrantes se organizam. Pois, como Donizete Soares [200-] ressalta:

Fazer educação ou realizar práticas educacionais, na medida em que isso quer dizer construir um novo discurso, é experimentar uma outra forma de convivência social. [...] Não há e nem pode haver alguém que manda frente a outros que obedecem, alguém que decide o que os outros devem cumprir.[...] Quem estabelece as estratégias são os participantes do grupo, tendo em vista os motivos que os levaram a se agruparem, assim como os objetivos que querem alcançar.

De acordo com o site deste Projeto⁷, também instituído como Organização não-governamental, a participação das pessoas envolvidas acontece por meio de atividades grupais. Todos os integrantes da equipe ocupam um lugar objetivo, onde podem ser protagonistas nas etapas de criação, produção, apresentação e avaliação de todas as ações necessárias para a concretização dos objetivos do projeto.

A partir do ano 2000, essa metodologia nascida no Projeto “Cala-boca já morreu”, vem sendo levada para diferentes localidades brasileiras, contribuindo para a discussão política acerca da democratização dos meios de comunicação no Brasil.

Diante da concepção de práticas educacionais advindas do cinema, destacam-se as atividades desenvolvidas pelo CINEDUC – Cinema e Educação. O projeto está baseado em estudos teóricos, criando técnicas de dinamização e materiais didáticos. Existe também uma preocupação com a capacitação de professores para trabalhar com as linguagens audiovisuais nas escolas. Abaixo seguem alguns dos cursos e oficinas que integram o projeto:

- Curta o cinema na escola – destinado a crianças ou adultos. Tem por objetivo a formação de um público crítico, que não esteja preso aos padrões estéticos e à linearidade da linguagem, vistos mais frequentemente nos cinemas comerciais e na teledramaturgia.
- Cinema e literatura – tem por público alvo adultos. Esses devem através da leitura da imagem e da palavra, fazer uma análise comparativa entre filme e livro.
- Formação do espectador – também é destinado ao público adulto. No entanto busca estabelecer o ensino de elementos básicos da linguagem cinematográfica, contendo exercícios práticos de roteiro, além de análise e discussão de filmes.⁸

⁷ Site: <http://www.portalgens.com.br/>

⁸ Site: <http://www.cineduc.org.br/>



A formação do espectador se configura como uma das maiores possibilidades dentro da educomunicação. Nesse sentido, Sánchez (1999) estabeleceria três “formações”, ou seja, formar para os meios, formar com os meios e formar a partir dos meios.

A primeira significa incorporar os meios no ensino formal, para que como foi feito com os meios de comunicação tradicionais, os mais jovens venham a fazer uma leitura completa e pessoal de seus conteúdos.

A segunda proposta visa pensar nos meios de comunicação como meios de ensino, isto é, a incorporação do meio como resposta a um problema didático detectado pelo docente. A partir disso, o mesmo precisa “Definir quais são seus problemas e necessidades, planeja as estratégias e elabora as maneiras de solucionar os problemas e pensar nas funções do material procedente dos meios, reconstruindo-o a partir dessas funções”. (SÁNCHEZ, 1999, p. 85).

Sendo que o terceiro item, formar a partir dos meios, significa segundo este autor, revelar alguns de seus elementos expressivos, a forma como são construídos e suas funções – buscando desmistificar tanto o próprio meio quanto seus comunicadores.

Educação Ambiental na Mídia:

O Tema Consumo Responsável no Programa Globo Ecologia

Encontram-se cada vez mais presentes na mídia reflexões a cerca da problemática ambiental. Diante disso, faz-se necessário compreender quais são os princípios e conceitos trabalhados para que então se possibilite a educação ambiental tão aclamada pelos meios de comunicação que veiculam tal temática.

De acordo com a Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, Art. 1º Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.⁹

Percebe-se o compromisso que temos diante desse novo paradigma: a busca pelo consumo responsável, consciente ou em outras palavras, a sustentabilidade. Procuramos, adiante, explicitar o papel preponderante que a mídia possui nesse contexto.

De acordo com o Art.3º da Lei de Educação Ambiental: Como parte do processo educativo mais amplo, todos tem direito a educação ambiental, incumbindo: Inciso IV – aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em

⁹ Site: <http://www.lei.adv.br/>



sua programação. Jacobi, professor titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP, expõe seu posicionamento frente a essa questão:

A mediação adequada entre meio ambiente, educação e sustentabilidade implica destacar a diversidade cultural, a participação, o envolvimento subjetivo e a cidadania. [...] Apesar da relevância da informação e dos meios de comunicação, é apenas com a educação que a sociedade pode superar a crise da modernidade e promover um novo tipo de desenvolvimento. (JACOBI, 2008, p. 44).

Apesar dessa premissa, os agentes que direcionam as mensagens nos meios de comunicação de massa, não devem desistir de incluir em sua programação temas que incluam um desenvolvimento sustentável da sociedade. Esses valores devem continuar sendo abordados, inclusive com mais qualidade do que quantidade.

Nesse sentido, é possível afirmar que o programa Globo Ecologia constitui-se como uma alternativa educacional, simplesmente por fazer a abordagem de temas ambientais no meio televisivo? Com o intuito de encontrar respostas a esse questionamento, segue análise referente a uma edição do programa, intitulada “Consumo Responsável”.

Diante da análise descritiva de uma edição do programa Globo Ecologia pretende-se perceber se o mesmo se enquadra nas representações da educação, mais especificamente nas questões sócio-ambientais que o constituem. O estudo analítico é realizado por meio da observação das unidades informativas, presentes no que chamamos de espelho do programa. Nesse aspecto, serão ressaltadas questões voltadas à narrativa e as representações visuais.

Históricamente, o programa Globo Ecologia surgiu de um dos projetos de Cláudio Savaget, que realizou uma longa série de trabalhos com diversas emissoras e parceiros, através de sua empresa, a Savaget Produções. O programa Globo Ecologia foi premiado durante três anos consecutivos (1982/ 83 e 84), sendo que o primeiro programa foi ao ar no dia 4 de novembro de 1990 e hoje já conta com mais de 800 edições.

O programa com o tema “Consumo Responsável” foi exibido pela primeira vez no dia 06 de maio de 2006. “Foram 3 mil buscas no site do Futura e mais de 200 ligações na Central de Atendimento ao Telespectador (CAT) sobre o episódio Consumo Responsável”, relata Leonardo Meneses, analista de Conteúdo do Canal Futura.¹⁰ O sucesso de tal programa, atribui-se principalmente a uma reportagem realizada na cidade de Tubarão, em Santa Catarina, com a família de José Alcino Alano. Diante da resposta positiva do público à apresentação do programa, o mesmo foi reprisado algumas vezes, sendo que sua última

¹⁰ Site: <http://www.futura.org.br/>



reprise no Canal Futura, dia 05 de abril de 2008 é o objeto empírico que constitui a análise dessa pesquisa.

Para ressaltar a questão da estrutura, organização das unidades informativas e suas representações na educomunicação, segue a análise do 1º Bloco do programa.

Depois de ser realizada a abertura do programa com trilha de identificação característica, o apresentador Guilherme Berenguer através de uma nota coberta,¹¹ contextualiza o tema a ser abordado com as seguintes informações:

Hoje em dia dois grandes problemas ameaçam o futuro da humanidade. O primeiro é a desigualdade na distribuição da riqueza e do consumo. O segundo é a degradação ecológica do planeta. Se o atual ritmo de exploração continuar, em um século não haverá fontes de energia ou de água em quantidade suficiente para a preservação da vida. E mesmo com a metade da população mundial vivendo abaixo da linha de pobreza, já se consome 20% a mais da capacidade de renovação da vida. A única saída é todos adotarmos padrões de produção e de consumo sustentáveis. [...] (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2008).

Importante perceber, que no decorrer desta matéria, o apresentador faz narração em off¹² e uma seqüência de imagens são exibidas complementando o contexto das palavras. É estabelecida uma sintonia entre discurso, imagens e trilha, que proporcionam ao telespectador uma leitura completa do assunto que está sendo tratado. Essa sintonia seria definida por Umberto Eco (apud PENA, 2007, p. 02) como: icônico, lingüístico e sonoro.

No que competem as informações apresentadas, existe uma aproximação ao que Martirani (2008, p. 06) destacou: “A Educação Ambiental vem ampliar o rol de reivindicações sociais, para denunciar todo um modelo e processo de desenvolvimento econômico, responsável por um processo civilizatório que, além de socialmente injusto, mostrou-se altamente devastador.”

Dando continuidade ao programa, o apresentador convida o telespectador a um auto-questionamento sobre as implicações do consumo de uma peça de roupa.

Veja só, se você acha que como num passe de mágicas uma roupa está pronta na loja só esperando para ser comprada, está enganado. Por exemplo, você sabe que tintas foram usadas? E qual é a matéria prima do tecido? Essas são algumas perguntas que deveríamos fazer antes de comprar. (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2008).

No decorrer do programa são exibidas algumas matérias e, para que as mesmas sejam concebidas com maior credibilidade, há também o uso de depoimentos. Sendo assim, depois

¹¹ Nota coberta é quando uma informação que introduz o assunto, também chamada de “Cabeça”, é lida pelo apresentador e posteriormente o texto é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

¹² Narração em off é quando não aparece o narrador.



de exibida uma matéria que questiona os telespectadores sobre o ciclo dos produtos consumidos, o programa dá seqüência com o depoimento de Roberto Shaeffer – Coordenador de planejamento energético COPPE/UFRJ,¹³ que conceitua o tema Consumo Responsável:

O consumo responsável é aquele consumo onde a pessoa está olhando não apenas para o benefício que esse consumo vai trazer a essa pessoa, mas entender que aquele consumo tem toda uma cadeia por traz dele. Aquele consumo implica em você ter uma fábrica, implica em você ter um processo produtivo, o que implica em você ter recursos naturais sendo extraídos e no que implica no consumo de energia que está ocorrendo para aquela fábrica funcionar e tudo isso leva a uma cadeia muito longa de uma sucessão de impactos ambientais. [...] (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2008).

Sucessivamente o apresentador do programa faz questionamentos referentes ao consumo, seu ciclo e conseqüências. Procura assim, despertar o senso crítico, para que atitudes sejam reavaliadas em benefício do meio ambiente.

O papel do educador socioambiental é desenvolver reflexões sobre a insustentabilidade de uma cultura fundada no consumismo, em comportamentos individualistas e hedonistas, aspectos psicológicos presentes nos gestos de consumo, fornecendo elementos capazes de racionalizar esses gestos em busca de transformações e rupturas culturais em direção a uma sociedade mais sustentável. (MARTIRANI, 2008, p. 10).

Nessa linha reflexiva, além dos questionamentos sócio-ambientais mediados por um educador, o programa Globo Ecologia tende a ganhar visibilidade devido ao aparato que a imagem proporciona no processo de aquisição de um determinado conhecimento. Segundo Ferrés (1996, p. 21), “A imagem é uma representação concreta da experiência [...] Se o texto oral é especialmente indicado para explicar, o audiovisual é indicado para associar.”

Informação e Conhecimento

Este é o momento de estabelecer alguns critérios para análise do programa enquanto fonte de informação e conhecimento. Para que isso seja possível, é importante compreender em que consistem esses dois termos. Posteriormente, será analisada a informação e o conhecimento no 2º Bloco do programa.

Em uma simples distinção entre ambos os termos, pode-se perceber que a informação pode ser o caminho para a construção do conhecimento. De acordo com Marteleto e Ribeiro (s/d, p. 04), “O processo de conhecimento supõe estruturação e depuração de informações: seleção da informação relevante, triagem e eliminação da informação supérflua, o que garante a eficácia da memória, uma vez que não se pode reter todas as informações disponíveis.”

¹³ Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós Graduação e Pesquisa de Engenharia.

Fazendo essa distinção entre ambos os termos, percebe-se que os meios de comunicação transmitem muito mais um saber-informação fracionado, descontínuo, privilegiando-se o rápido, efêmero, sensacional, emocional, do que o racional e o abstrato. Aproximando-se dessas idéias, Gadotti (2000, p. 07) faz a seguinte reflexão:

Pode-se dizer que se vive mesmo na era do conhecimento, [...] sobretudo em consequência da informatização e do processo de globalização das telecomunicações [...] Todavia, o que se constata é a predominância da difusão de dados e de informações e não de conhecimentos.

Nesse sentido, caracteriza-se também um processo, onde o primeiro passo seria a informação, o segundo o conhecimento e conseqüentemente viria a consciência. Segundo Barreto (1994, p. 02), “A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive.”

Para a análise do programa Globo Ecologia, enquanto mediador de informação e conhecimento, optou-se pelo 2º Bloco do programa com o tema Consumo Responsável, onde destaca-se uma reportagem sobre um aquecedor solar de água, produzido com material reciclado. Em síntese, o programa busca repercutir através das palavras de José Alcino Alano, senhor que inventou o aquecedor solar, que existem maneiras de economizar energia elétrica sem agredir o meio ambiente.

Para situar o local onde foi realizada a experiência, primeiramente a câmera faz uma imagem panorâmica da cidade e alguns planos gerais, depois é ilustrado por meio de um infográfico¹⁴ o Brasil, que é aproximado até Santa Catarina, onde mostra-se, por fim, a cidade de Tubarão. No mesmo momento, algumas informações a respeito do local são fornecidas:

Tubarão fica à 150 km da Capital Florianópolis no estado de Santa Catarina, com 90 mil habitantes a cidade vive do comércio, da agricultura e da pecuária. (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2008).

Assim, sistematiza algumas informações que podem constituir o conhecimento daqueles que estimulados pelos dados apresentados, forem em busca de outras informações que possibilitem internalizar uma visão mais ampla do assunto. Moran (1993, p. 66) ainda ressaltaria que, “O grau de conhecimento pessoal que o indivíduo tem em relação a um determinado assunto influi na aceitação total ou parcial de uma informação.”

Mesmo tendo patenteado a invenção, José Alcino fez questão de disponibilizar na internet os procedimentos para que outras pessoas possam se beneficiar desse sistema. No

¹⁴ O infográfico é a representação visual da informação. Geralmente utilizado em jornalismo, manuais técnicos, educativos e científicos.



momento que disponibiliza essa informação do site, o programa cumpre seu papel no sentido de estimular a busca por mais conhecimentos a respeito do assunto, fazendo com que os telespectadores, através da informação disponibilizada, possam procurar maneiras de contribuir no meio em que vivem. Configuram-se assim, possibilidades para a criação de um processo de conscientização social, que é configurado como: “Uma primeira etapa de compreensão, desvendamento da realidade, que caminha junto a outro momento: o da organização do grupo, da mobilização, visando um terceiro objetivo que seria a ação de mudança, no indivíduo, no grupo, até na sociedade. (MORAN, 1993, p. 42).

No final da reportagem, é enfatizado o depoimento que o Sr. Alano havia proferido em momento anterior:

Porque nosso objetivo é, desde a hora que a pessoa está fazendo para si próprio, ela está fazendo não só pra ela, está fazendo para nós, porque está beneficiando o nosso meio ambiente de um modo geral. (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2008).

O exemplo do Sr. Alano é percebido de forma positiva, pois segundo Santaella (2002, p. 128), “Quando se destina a públicos mais jovens para os quais a construção de um argumento é muito abstrata, o vídeo faz uso do discurso narrativo. Neste, o argumento se constrói através de uma história de caráter exemplar que possa servir como lição de vida.”

Considerações Finais

Por meio de pesquisa teórica e empírica realizada, percebe-se que na perspectiva dos questionamentos inseridos no programa, visando à reflexão diante do tema proposto e da linguagem que o meio utiliza, existem características que identificam esse produto áudio visual como uma prática educacional, sendo um auxílio no processo de construção de conhecimento. No entanto, caberiam ainda outros questionamentos referentes à produtora do programa Globo Ecologia e seus interesses. Isso ressaltaria o princípio que norteia o estudo da educação, que constitui-se em promover uma educação emancipatória, onde o sujeito toma consciência do lugar onde está e das relações de poder e de interesse que o cercam.

Referências bibliográficas

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**. Fundação Seade, v. 08, n. 4, 1994.



CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação** : a linguagem em movimento. São Paulo: SENAC, 2000. 253 p.

CONSUMO RESPONSÁVEL. **Globo Ecologia**. Rio de Janeiro, Futura, 05 de abril de 2008. Programa de TV.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 180 p.

_____. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 156 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 150 p.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf> > Acesso em: 31 jan. 2009.

JACOBI, Pedro Roberto. Não basta assistir, é preciso participar. **Revista Página 22 – informação para o novo século**. FGV, Jun. 2008, Edição Especial.

LAZAR, Judith. SANCHEZ, Francisco Martinez. Os meios de comunicação e a sociedade. In: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p. 17-40, p. 91-108, p. 55-90.

MARTELETO, Regina Maria; RIBEIRO, Leila Beatriz. **Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor**. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000805/01/T153.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2008.

MARTIRANI, Laura Alves. **Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Sócioambiental**. 2-6 set 2008. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1697-2.pdf -> Acesso em: 15 out. 2008.

MORAN, José Manuel. **Leitura dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993. 216 p.

PENA, Felipe. **Simplicidade ou pobreza vocabular? Os verbos no telejornalismo brasileiro**. Santos, 2007, p. 2. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1180-1.pdf> Acesso em: 01 nov. 2008. Acesso em: 24 out. 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson, 2007 p. 186.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – o que é isto?** Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf>. Acesso em: 13 out. 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista de Comunicação e Educação**. São Paulo, p. 12-24, set. /dez. 2000.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984, 156 p.